





SERRES, Michel. (2017) Tempo de crise: o que a crise financeira trouxe à tona e como reinventar nossa vida e o futuro

Flávia Lemes Silvado
Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ), MG, Brasil
flviasilvado@hotmail.com
 <https://orcid.org/0000-0001-8490-0601>

Mestranda em Educação pela UFSJ. Membro do Núcleo de Estudos Corpo, Cultura, Linguagem e Expressão (NECCEL) da UFSJ.

Maria Emanuela Esteves dos Santos
Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ) MG, Brasil.
mariaemanuela@ufsj.edu.br
 <https://orcid.org/0000-0002-4969-4416>

Doutora em Filosofia e História da Educação (UNICAMP). Professora adjunta da Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ) e membro do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSJ.

Resumen - Resumo - Abstract

Esta resenha crítica tem o objetivo de apresentar a obra Tempo de Crise de Michel Serres (2017), que trata de desafios da contemporaneidade relacionados aos conflitos da humanidade em sua relação com a natureza e a ciência. Assim, apresentamos o conteúdo do livro e concluímos com a recomendação de sua leitura para educadores e pesquisadores em filosofia e política.

Esta reseña crítica tiene como objetivo presentar el Tiempo de Crisis (2017) de Michel Serres, que aborda los desafíos contemporáneos relacionados con los conflictos de la humanidad en su relación con la naturaleza y la ciencia. Así, presentamos el contenido del libro y concluimos con la recomendación de su lectura para educadores e investigadores en filosofía y política.

This critical review aims to present Michel Serres's Times of Crisis (2017), which deals with contemporary challenges related to the conflicts of humanity in its relationship with nature and science. Thus, we present the content of the book and conclude with the recommendation of its reading for educators and researchers in philosophy and politics.

Palabras Clave: Ciencia. Conflicto. Tiempo Contemporáneo. Crisis. Naturaleza
Palavras-chave: Ciência. Conflito. Contemporaneidade. Crise. Natureza.
Keywords: Science. Conflict. Contemporaneity. Crisis. Nature.

Recibido: 01/04/2021

Aceptado: 18/04/2022

Para citar este artículo:

Lemes Silvado, F. & Esteves dos Santos, M. (2022). Resenha da SERRES, Michel. (2017) Tempo de crise: o que a crise financeira trouxe à tona e como reinventar nossa vida e o futuro. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. *Ixtli. Revista Latinoamericana de Filosofía de la Educación*. 9(17). 147-156.



SERRES, Michel. (2017) *Tempo de crise: o que a crise financeira trouxe à tona e como reinventar nossa vida e o futuro*

RESENHA CRÍTICA

SERRES, Michel. (2017) *Tempo de crise: o que a crise financeira trouxe à tona e como reinventar nossa vida e o futuro*. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

A educação precisa acontecer em íntima relação com a sociedade. Michel Serres, filósofo francês que viveu entre 1930 e 2019, não escreveu diretamente sobre a pedagogia ou as concepções de ensino. No entanto, o amplo olhar para as questões da humanidade oferece recursos para reflexão a respeito da escola, das relações estabelecidas e de renovações que podem ser suscitadas. O pensador trata mais diretamente sobre a contemporaneidade e as possibilidades para a educação, sobretudo, nos livros que publica a partir dos anos 2000, com um convite a se repensar as certezas e olhar o mundo de maneira renovada.

Em 2008, o mundo vivenciou uma crise financeira que afetou profundamente a economia e exigiu medidas públicas para estancar as perdas. Michel Serres, no livro *Tempo de Crise*, que teve sua primeira publicação em 2009 pela Le Pommier e tradução para o português em 2017 pela Bertrand Brasil, propõe um novo olhar para o desafio que é o enfretamento das crises que se manifestam em escalas globais. Nesse sentido, Serres analisa a gênese das crises vividas pela humanidade e indica que o problema monetário visível carrega em si uma raiz mais profunda e antiga, que para ser compreendida necessita de um desvio momentâneo dos números para que se observe o curso da humanidade.

Em um primeiro momento, o filósofo mobiliza uma definição da palavra “crise”, do grego *crinô*, que significa “julgar”. Da mesma forma, busca a origem de

“decisão”, que do latim quer dizer “cortar em dois”. Assim sendo, a crise leva a uma cisão em que não cabe retomada, afinal, entendida como repetição, levaria a um movimento circular que culminaria em uma situação análoga. Portanto, decidir é sempre romper e, com isso, criar. Em defesa de seu posicionamento, Serres demonstra seis acontecimentos significativos que transformaram a humanidade após a Segunda Guerra Mundial. Destaca que a importância dos acontecimentos é medida pela duração da era que encerram, de maneira que é possível ver o seu início, mas não há como prever o final. Com isso, dialoga com os conceitos apresentados no livro *Hominescências*, outra obra do autor publicada anteriormente, em 2001.

A primeira novidade apresentada pelo educador é na *agricultura*. Explica que no século XX, em países semelhantes à França, o percentual de pessoas que trabalhavam com a lavoura e a pastagem foi de 50% para 2%. Destaca, assim, que ainda que a população continue a viver da terra, afastou-se dela, uma ruptura da forma de vida mantida desde o período neolítico. Por outro lado, a população urbana que era de 3% em 1800 passa a ser mais de 50% em 2000. A partir disso, acontecem dois choques: o ser humano começa a viver rodeado pelos muros da cidade, torna-se político e passa a ser visto como cidadão. O segundo choque é a vingança do Mundo, melhor descrita mais adiante.

A segunda novidade milenar abordada por Serres é nos *transportes*. O aprimoramento dos meios de locomoção aumentou significativamente e passou a fazer parte do cotidiano. O pensador mostra que em 2006 aproximadamente 2,3 bilhões de pessoas viajaram de avião. Não apenas a mobilidade de seres humanos, mas também de animais, alimentos, vírus e bactérias se elevaram na mesma proporção. Como um pensador de visão global, apontou que esses deslocamentos favorecem o surgimento de pandemias para as quais talvez não tenhamos mais recursos para lidar, o que vem sendo vivenciado pela humanidade com a crise provocada pelo SARS-CoV-2, causador da doença chamada Covid-19.

A terceira mudança é justamente na *saúde*. Demonstra que a medicina eficiente nasceu, de fato, após a Segunda Guerra Mundial. Aponta a importância do corpo, citando o cirurgião René Leriche ao definir “a saúde como silêncio dos órgãos; o que provava que, ao serem ouvidos, eles emitiam, sobretudo o som do sofrimento” (Serres, 2017. p. 21). A redução da dor e das patologias é uma grande novidade para o ser humano, o corpo exibe menos marcas das enfermidades e pode ser exposto, ao passo que a saúde se torna a

norma. O homem consegue até mesmo, em certa medida, exercer controle sobre a morte, adiando-a pelos seus hábitos. O novo corpo, diferente do corpo dos antepassados, é também mais detalhadamente descrito na obra *Hominescências*.

Em conexão com a saúde, a quarta novidade destacada por Serres é a *demografia*. Ao desenvolver a saúde, o ser humano aumenta a sua expectativa de vida e, com isso, a quantidade de pessoas no mundo. Destaca que a população mundial passou, num lapso muito curto de tempo, de 2 bilhões para 6 bilhões. No momento em que o livro foi escrito, projetava-se alcançar a marca de 7 bilhões. Em pesquisa publicada pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 2019 o mundo contava com 7,7 bilhões de pessoas e a projeção é de que esse número se eleve em 2 bilhões nos próximos 30 anos. Tantas mudanças em pouco tempo exigem transformações nas instituições e nos costumes. Anteriormente, com uma expectativa de vida de até 30 anos, a relação com a morte, o dinheiro e o matrimônio eram diferentes. As pessoas juravam amor eterno e enfrentavam guerras ainda na juventude. Michel Serres reflete que com uma expectativa de vida de 85 anos, na França, a relação com essas experiências não é a mesma.

Em estreita relação com as transformações mencionadas, a quinta novidade identificada por Serres é nas *conexões*. “As mencionadas novas tecnologias alteram nossos vínculos, as vizinhanças, o saber e os modos de acesso a ele. O *conectivo* substitui o coletivo” (Serres, 2017. p. 25). A quantidade de informações a que se tem acesso é extensa e as relações com o conhecimento mudaram. Com isso, não habitamos mais o mesmo espaço. Nosso endereço não é apenas o de nossa residência, mas, também, aquele que ocupamos virtualmente. A influência exercida pelas pessoas é diferente nesse espaço, que o filósofo indica como um possível novo caminho para a democracia. Retoma o conceito político grego, que mantinha-se centrado apenas naquela que era considerada a elite intelectual, indicando que as novas conexões podem permitir maior participação das pessoas “comuns”.

Em sexto lugar estão os *conflitos*. Retoma o exemplo da Segunda Guerra Mundial, que foi um marco na história da humanidade e é uma data capital no processo de hominização. Nesse conflito, a ciência e a tecnologia foram usadas não para prolongar a vida, mas para eliminá-la. Serres reflete que durante o período da guerra os seres humanos mataram mais de sua espécie que micróbios e bactérias encontrados até a sua época. Em um rico jogo de palavras, afirma que a bomba derrotou Darwin, o que traz à

memória o bombardeio em Darwin, na Austrália, em 1942. Evoca, também, a compreensão de que a humanidade mudou o curso da natureza descrito pelo biólogo Charles Darwin, em que o mais bem adaptado prevalece, uma vez que, com a criação da bomba atômica, prevalece o mais forte, ou seja, aquele que detém maior poder. Serres descreve a bomba atômica como o primeiro objeto-mundo, conceito usado para definir os objetos que têm suas dimensões equiparáveis ao mundo. Posteriormente, se enquadraram nesse conceito os satélites, a internet, os resíduos nucleares e as nanotecnologias. As disputas de poder nos conflitos são, ainda assim, um paradoxo. Cita o exemplo de a maior potência bélica mundial até hoje não ter vencido uma guerra contra países mais fracos.

O filósofo faz um balanço das grandes e velozes mudanças destacadas, ressaltando que as tecnologias suaves têm uma influência significativamente maior na sociedade em relação às técnicas duras, apesar destas serem superestimadas.

No segundo capítulo da obra, o autor traz o Mundo para o centro de suas reflexões. Mostra que na antiguidade havia uma distinção entre o que podia e o que não podia ser controlado pelo ser humano. Na era moderna de Descartes, o homem passa a se ver como possuidor da natureza. No mundo contemporâneo nasce o antropoceno, em que o ser humano assume a responsabilidade pelo mundo que o criou, enquanto parece refém das relações econômicas e financeiras que foram criadas por ele.

O autor de *Tempo de Crise* demonstra que essa relação com a natureza não pode ser duradoura, afinal, ela nos detém e retomará o controle. Tal narrativa criada pelo ser humano provoca uma cegueira para os efeitos de nossas ações.

No torpor, a sociedade se distrai com as ilusões e com os jogos entre dois para se perguntar quem perde e quem ganha. Mobiliza o Senhor e o Escravo de Hegel, os conflitos entre esquerda e direita ou qualquer embate que entretenha a multidão, evidenciando a sociedade em que o espetáculo é usado como desvio das necessidades básicas. Nessa disputa, manifesta-se um terceiro, o Mundo. Serres explica que a humanidade se habituou ao jogo a dois e discute questões essenciais a respeito da vida e da natureza a partir das velhas políticas que defendem nada além de interesses pessoais, alheios ao Mundo. Como então, incluí-lo nesse debate?

Para tal questão, Serres propõe a criação de uma nova instituição na qual o

Mundo, também chamado pelo filósofo de Biogeia — conceito que engloba a Vida e a Terra — teria seus direitos representados. Tal instituição recebe o nome de WAFEL, sigla em inglês que reúne os quatro elementos fundamentais, além de acrescentar um quinto pilar: a vida. Com isso, propõe um retorno à casa que sempre habitamos e da qual nos distanciamos. O filósofo indica, que em outras de suas obras: *O Contrato Natural*, *O Mal Limpo* e *A Guerra Mundial* ele tentou buscar esse pacto pelo fim da exploração do Mundo, responsável pelas violências e pela sua destruição. Nesse contexto, na Biogeia não existe fronteira, língua universal, tampouco propriedade, ou realizamos esse retorno ou ela se impõe e nos faz esquecer as redes de separação. Assim, diferentes códigos podem conviver em harmonia, “pois todos nós, coisas inertes, seres vivos e seres humanos, *emitimos, recebemos, armazenamos e tratamos informação*” (SERRES, 2017. p.53). Dessa forma, confronta a ideia frequente de globalização, pois demonstra que, a despeito da nossa mobilidade, nunca estivemos tão separados pelas regras impostas pelos seres humanos. Dito isso, o hominescente se globaliza na medida em que cria o mundo em que pretende viver e afirma a sua força diante do Mundo.

O pensador explica que na história da humanidade outros estudiosos que buscaram cuidar das coisas do Mundo foram julgados e condenados, muitas vezes com a morte, a exemplo de Galileu e de alguns filósofos gregos. Silenciado, o Mundo tenta se comunicar em uma linguagem inaudível para aqueles que tomam as principais decisões. Enquanto a religião cuida da explicação mística e mítica, as ciências buscam respostas para as questões do Mundo. A sociedade, por sua vez, trata dos assuntos da sociedade, da política e da cidadania. Assim, demonstra que os cientistas percebem a voz da Biogeia, entretanto, não são os responsáveis pelas decisões. Nesse contexto, WAFEL seria o parlamento da Biogeia. Com efeito, mostra que o ser humano sujeito fez do planeta o seu objeto passivo, mas, que ele se torna novamente sujeito na medida em que se impõe sobre a humanidade. Quase como um prenúncio do desafio enfrentado pela humanidade com a pandemia iniciada em 2020, Serres afirma que o Mundo como sujeito “nos cai na cabeça” (2017, p. 66).

Dados os desafios, quem então poderia revelar a voz do Mundo? Para Serres, são os cientistas que o estudam e têm capacidade de decifrar a sua linguagem. Resgata a credibilidade na ciência, demonstrando que apenas ela é capaz de cuidar do longo prazo, posto que esse saber foi responsável pelas seis mudanças citadas anteriormente. Dessa forma, o conhecimento é colocado em um papel central para qualquer transformação, o que destaca a importância de uma educação que considere os obstáculos da contemporaneidade.

Nesse contexto, Michel Serres propõe que as Ciências da Vida e da Terra (CiViTe) assumam a frente, como um saber interdisciplinar que é capaz de promover a melhor relação com o Mundo e, por consequência, melhor relação entre as pessoas. Percebemos que as ações da humanidade caminham para o desastre e só é possível pensar em uma saída para esse ciclo a partir da mudança de comportamento, que tem como meio uma nova educação. Demonstra a frequente rivalidade que nos distancia e, novamente, contempla a diferença como enriquecedora. O contrato natural como compromisso ético de cessar a destruição, que é também autodestruição, é uma necessidade desse novo saber. Explica que “a filosofia precisa investir um novo esforço na meditação sobre esses conflitos perfeitamente inesperados entre a ciência e o direito, entre o bem comum e a verdade” (Serres, 2017. p.87).

O filósofo conclui a sua obra propondo saídas para a crise. No curso da sua escrita demonstra alguns caminhos para superar os problemas destacados, a saber, o resgate do Mundo na vida humana e o reconhecimento da ciência como a linguagem desse Mundo, que tenha poder de decisão, em detrimento do controle exercido pela tríade: religião, economia e exército.

Coloca-se o problema contemporâneo da informação, afinal, a universalidade do acesso e as novas vizinhanças podem trazer uma falsa sensação de democracia, uma vez que as experiências anteriores de hierarquia estavam em grande medida alicerçadas no controle da informação. No entanto, as relações assimétricas e não interativas de revelação da informação se transformam em hierarquia. O controle está presente na força das informações, suaves, não mais nas repressões duras e visíveis, como a bomba nuclear ou o sabre do policial.

Reforça, assim, a sua tese de que houve grandes mudanças na sociedade e as instituições permanecem da mesma forma. Nesse sentido, aponta a responsabilidade dos intelectuais, destacando que pensadores do século XIX desenvolveram novos programas políticos diante de novidades bem menores do que as que foram presenciadas no século XX. Dessa forma, indica um caminho possível para essa reflexão: uma Reforma do Entendimento, conceito que parece ser inspirado em Kant, com quem Serres dialoga em alguns momentos da obra. Esse Entendimento, aliado à sensibilidade, é o que permite conhecer. Serres explica que na Biogeia cada ser tem seu mecanismo de defesa que favorece a subsistência, sendo no ser humano a inteligência sua principal arma. É a distinção entre o duro e o suave na natureza, de um lado o veneno, as presas, os vírus mortais e de outro a inteligência. O pensador

finaliza *Tempo de Crise* demonstrando que a questão central nas crises que buscou demonstrar é a bifurcação entre o duro e o suave.

Percebemos, assim, a densidade da leitura que, apesar de acessível, é repleta de conceitos próprios ou buscados em outros pensadores. Michel Serres é um dos primeiros filósofos a trazer a natureza para o debate político, que tradicionalmente são apresentados sem qualquer relação. Demonstra a urgência dessa união, uma vez que, o ciclo criado pela humanidade invariavelmente caminha para crises e que tais dimensões podem ultrapassar nossa capacidade de oferecer respostas.

Portanto, consideramos uma leitura importante para pesquisadores da filosofia e da política, bem como educadores. Serres apresenta desafios, aponta caminhos e propõe reflexões acerca de temas urgentes, além de lançar o compromisso com a transformação da sociedade a partir da inteligência. Dessa forma, produtores de conhecimento e professores podem se beneficiar das ideias apresentadas, utilizando-as para aprimorarem sua prática e para realizarem mudanças.

É válido ressaltar, por fim, a extrema atualidade da obra, que — mesmo tendo sido escrita 12 anos antes da Organização Mundial da Saúde (OMS) declarar que o mundo vivia uma pandemia em março de 2020 — já demonstrava que as relações estabelecidas entre os seres humanos e a natureza nos levariam à crises como a que vivenciamos. Serres menciona diretamente o risco de pandemias e percebemos que, mesmo com todos os avanços na ciência, ainda é desafiador lidar com as suas consequências. Sendo assim, é uma leitura que abre caminhos para reflexão sobre esse grande problema e as rupturas necessárias para encontrar saídas. Recuperando a origem da palavra “decisão”, apresentada no início da obra, destacamos que ao assumirmos uma retomada que mantenha as práticas que acarretaram a crise, abriremos caminho para situações análogas. Portanto, o pensamento é o propulsor da criação e, como indicado por Serres em *Tempo de Crise*, é preciso inventar o novo e traçar caminhos ainda desconhecidos.

Referências

Serres, M. (2003). *Hominescências: o começo de uma outra humanidade*. Trad. Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Serres, M. (2017). *Tempo de crise*: o que a crise financeira trouxe à tona e como reinventar nossa vida e o futuro. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

ONU News. (2019). *População mundial deve ter mais de 2 bilhões de pessoas nos próximos 30 anos*. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2019/06/1676601>>. Acesso em: 29 mar. 2021.